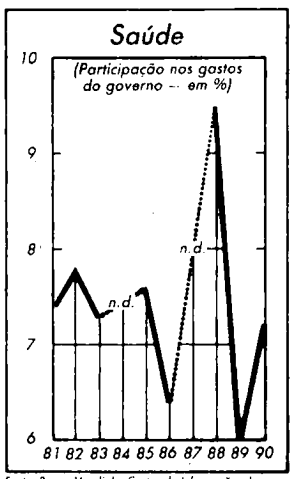
Brasil gasta pouco e mal com a saúde

por Claudia de Souza
de São Paulo

O Brasil gasta pouco em saúde, segundo os padrões dos países em desenvolvimento, e gasta mal, segundo os dados compilados pelo Banco Mundial (BIRD) em seu Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 1993, dedicado à saúde, divulgado ontem à noite.

No Brasil, o dispêndio total em saúde aumentou pouco (ver gráfico). Se se compara a expectativa de vida ao nascer do brasileiro e a proporção do gasto com saúde como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), a performance não é boa. O brasileiro espera viver 66 anos num país em que se gasta 4,2% do PIB com saúde. No Chile, a expectativa de vida é de 73 anos, e também se gasta mais: 4,7% do PIB. A China tem, segundo os técnicos do BIRD, um bom desempenho porque gasta com eficácia: 69 anos de expectativa de vida para 3,5% de seu PIB gastos com saúde.

Segundo o Banco Mundial, o Canadá é um modelo de eficácia do sistema de saúde: uma expectativa de vida de 77 anos para seus habitantes, com dispêndio de 6,8% do PIB, bem abaixo do que gastam os Estados Unidos, que despendem 12,7% de seu PIB, com o resultado pouco animador de uma expectativa de vida de 76 anos.



Fonte: Banco Mundial e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
Obs: n.d. = não disponível

Entre as suas recomendações, o BIRD defende a importância de garantir o crescimento econômico, porque as conseqüências da recessão são desastrosas para a saúde. Em 1983, por exemplo, a desaceleração da atividade provocou na América Latina, segundo estima o banco, 12 mil mortes infantis adicionais apenas naquele ano.

Enfatiza-se também a importância de uma distribuição equilibrada da renda e a necessidade de investir na educação básica, principalmente das mulheres. Nos países em que se começou, na década de 60, com níveis satisfatórios de renda per capita e acesso das meninas à educação, os ganhos em saúde em 1990 foram significativamente maiores. Um aumento de 10% da alfabetização das mulheres pode garantir um ganho similar na queda da mortalidade infantil. As mulheres, ao aprender sobre saúde nos jornais e televisão, ao manusear alimentos, cuidar dos doentes e das crianças e ao utilizar os serviços de saúde, farão isso com maior eficácia quanto mais anos passarem na escola.

"O problema no Brasil é que se prometeu tudo a todos e isso simplesmente não pode ser feito", declarou um dos diretores do estudo, Philip Musgrove, ao apresentar as conclusões do BIRD em São Paulo. "O papel dos governos é saber onde parar e como oferecer os serviços do modo mais eficaz em relação ao seu alcance e ao seu custo."

O sistema brasileiro de saúde tem problemas que, segundo aponta o BIRD, são comuns aos países em desenvolvimento de renda média.

(Continua na página 8)

O ministro da Saúde, Jamil Haddad, fez um apelo ontem aos empresários para que paguem seus tributos e ao Judiciário para que aja "o mais rápido possível" para liberar recursos retidos "sub judice". Segundo o ministro, o total retido é de US$ 7,5 bilhões, que precisam chegar aos hospitais. Aos empresários pediu que desistam de ações na Justiça e paguem diretamente à Saúde e Previdência.

Brasil gasta pouco e mal com a saúde

por Claudia de Souza
de São Paulo
(Continuação da 1º página)

Há, em primeiro lugar, um dilema entre curar as doenças contagiosas, que ainda afligem as camadas mais pobres e são responsáveis por altas taxas de mortalidade infantil, ou tratar das doenças que já começam a incidir num grande número de pessoas e que são próprias de países com população mais velha, doenças não transmissíveis como as enfermidades cardiovasculares ou o câncer, mais caras de atender. É uma escolha difícil, própria de países em transição, com que se defronta também a China, por exemplo.

Nessa questão, porém, o Brasil parece ter escolhido o pior dos dois mundos. O Estado tem-se especializado nos últimos anos em gastar com intervenções custosas, de pouco alcance. Cuida-se com esmero de doenças do coração, enquanto a imensa maioria da população carece de intervenções essenciais e baratas, como o atendimento materno-infantil. Ficam, também, sem tratamento adequado a tuberculose, o mal de Chagas ou as doenças transmissíveis pelo sexo. Nem tudo, porém, são más notícias. Em seu relatório o Banco Mundial (BIRD) enfatiza a facilidade com que se pode reverter a má performance do sistema de saúde com um exemplo pernambucano: o Instituto Materno-Infantil de Pernambuco (IMIP), que em 1989 introduziu um sistema de avaliação e contabilidade de seus serviços voltados para resultados e que, depois de verificar que sua unidade de terapia intensiva custava muito e não resultava em menor mortalidade das crianças do Recife, mudou sua estratégia. Decidiu expandir a rede de pequenos postos de saúde na periferia da cidade, já que os muito doentes sofriam de desnutrição, mal comum a toda a clientela. Com esse redirecionamento de gastos, a mortalidade infantil foi de 147 para 101 por mil crianças.

"O princípio da universalidade da Constituição de 1988 pode ser mantido em termos abstratos, mas será necessário estabelecer na prática prioridades que atendam os pobres em primeiro lugar", comentou a diretora executiva da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundape), de São Paulo, a instituição onde o relatório do BIRD foi discutido e que acompanha a situação brasileira da saúde com, por exemplo, divulgação mensal da execução financeira da Previdência Social. Para a Fundape, a má performance do País na área da saúde explica-se pela falta de avaliação pelo governo de onde vão os recursos e que resultados obtêm; a ausência de fiscalização da qualidade dos serviços pelos consumidores esclarecidos (os trabalhadores de empresas que hoje estão nos serviços privados); a necessidade de organização do cipoal de fontes de recursos para o sistema; o empreguismo e atendimento de interesses particulares por parte dos governos; o corporativismo dos funcionários da saúde; a fraude e ineficiência no sistema; a regressividade do sistema brasileiro, onde os mais pobres pagam maiores parcelas de seu orçamento doméstico com saúde; e a deterioração da rede física de atendimento.

Os técnicos brasileiros lembram que o BIRD, anos atrás, diante do diagnóstico de excesso de demanda, advogava o aumento das taxas cobradas pelos serviços como forma de comprimi-la. No Quênia, exemplificam, caiu 90% a demanda com efeitos catastróficos sobre a situação da saúde. Desta vez, o banco está pregando o crescimento econômico, reconhecendo que a recessão tem como resultado um aumento do índice de mortalidade infantil.